



DISCUTINDO A ANCESTRALIDADE POR MEIO DA TÉCNICA ESTÊNCIL

André Hamada Kikumoto*¹

Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Finais e Ensino Médio

Palavras-chave: Ancestralidade. Identidade. Estêncil.

1. Introdução

O presente texto abordar-se-á resultados de uma atividade realizada no Colégio Estadual Roseli Piotto Roehrig na Semana da Mulher. A proposta foi trabalhada com as turmas 9ºA e B, no período de contraturno, entre 14h – 16h horas.

A arte contemporânea, em um de seus cenários, se debruça em temas locais, reforçando aspectos da identidade dos grupos e explorando temas como a memória e a diversidade.

As temáticas são abrangentes e foram trabalhadas no PIBID ao longo do semestre, dentro do período regular e nos contraturnos. As propostas foram desenvolvidas em uma ordem lógica, partindo sempre da discussão sobre ancestralidade. Esta ordenação se trata das linguagens exploradas, uma vez que nos aventuramos por algumas das diversas expressões contemporâneas, desde a instalação, a colagem, a performance, entre outros.

O tema ancestralidade buscou uma reflexão da própria identidade, centrando-se no contexto pessoal dos alunos. Como Hernández (2013) propõe, um exercício que fala *a partir* de si mesmo e não *de* si mesmo.

2. Objetivos

Objetivamos com a proposta uma reflexão da própria identidade e o autoconhecimento por meio de figuras femininas importantes do contexto social dos indivíduos, assim como uma compreensão de diferentes meios de estruturar a imagem. Propusemos uma experiência que permitisse um raciocínio diferente do desenho. Para isso, recorreremos a técnica de

¹ Graduando em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no Colégio Estadual Professora Roseli Piotto Roehrig. E-mail: andreikumoto@outlook.com



estêncil, que dispensa a linha. Deste modo, a forma necessita ser construída por meio do contraste de massas. A aplicação foi feita em suportes bidimensionais com diferentes cores e texturas.

3. Referencial teórico, metodologia e análise de dados

Iniciamos a aula com uma introdução expositiva, trazendo retratos produzidos ao longo da história e contextualizando-os em sua época. Utilizamos a pintura “Napoleão cruzando os Alpes”, de Jacques-Louis David, para exemplificar o que Iara Ribeiro (2012) nos afirma sobre o retratar. A imagem, neste caso, pretende ultrapassar seu referente, ou seja, eternizá-lo e congelá-lo na representação (2012, p. 25). Questionamos os alunos para que falassem da obra. Comentários foram surgindo sobre a posição romantizada e como o cavalo e a pessoa não pareciam coerentes com a realidade, não no sentido técnico, mas



representativo. Na pintura, não existia de fato o líder militar, mas sim uma imagem que o configura. Retratar é tornar presente, mas a presença da ausência do retratado (2013, p. 15).



Jacques-Louis David. *Napoleão cruzando os Alpes*. Óleo sobre tela, 1805.

Pedimos para que nos enviassem fotografias 3x4 de suas mães, explicando que era semana da mulher, e logo, falaríamos das mais especiais. Caso não fosse possível, que mandassem de outras mulheres importantes. Surgiram tias, irmãs e vizinhas. Mesmo

trabalhando com um mesmo grupo, percebemos diferenças e distâncias culturais nítidas ao meio, neste caso, na estrutura familiar (VELHO, 1980).

Distribuímos as fotografias e os alunos selecionaram quais partes seriam retiradas. Reforçamos a necessidade de criar manchas nos lugares escuros. As imagens foram saturadas e reveladas em preto e branco para facilitar a identificação de massas. No estêncil, o trabalho aparece por meio do contraste de duas cores. O vazado é onde a tinta entra e o que deixamos na matriz conserva a tonalidade e textura do fundo. Os educandos encontraram



mais dificuldade nas regiões do nariz e olhos, tanto pelo tamanho e fragilidade do papel A4, quanto na distinção do que deveria ser retirado.



Alunos e professores em formação durante a atividade.



Detalhe da etapa de corte da matriz.



Também nesta etapa, constatamos a presença de alguns comentários racistas. Na distribuição das imagens, houveram comparações entre as mulheres retratadas. Alguns alunos apontaram características físicas de forma pejorativa, como “que cabelo zoad” e “minha mãe é mais branca que a do fulano”.

Podemos afirmar que o grupo trabalhado é composto por diversas etnias, muitos de origem negra e indígena. Assim como na tese publicada de João Batista Lacerda em 1911, que considerava o embaquecimento a saída e solução do país, encontramos nas aulas comentários ainda carregados deste cunho. Os acontecimentos permitiram uma problematização do assunto, porém mediada cautelosamente. Pedi para que estes alunos falassem de seus avós e de onde vieram. Nenhum se auto declarou negro ou indígena, afirmando sempre a descendência imigrante branca.

Com as matrizes finalizadas, disponibilizamos os suportes em papelão. Neles, misturamos retalhos de jornal, revistas velhas, livros amarelados. Os alunos levaram os materiais para o pátio e fizeram o estêncil com spray preto. Composições inusitadas foram sendo criadas, concebidas da relação entre as formas figurativas e a materialidade do fundo.



Todavia, alguns estudantes optaram por virar o papelão ao contrário, estampando o lado que não havia colagem.



Aluno realizando o entintamento do estêncil.

4. Resultados alcançados

Infelizmente, a existência do preconceito é algo recorrente no âmbito escolar. Cabe a estas atividades exercitar a identificação dos alunos como indivíduos dentro da sociedade. Carlos Brandão afirma que quando o popular aparece, a sua pessoa some no dado, torna-se generalizado (1984, p. 10). Superando este tipo de pensamento, nos tornamos mais humanos e, conseqüentemente, refletimos sobre nossas ações.

As aulas foram realizadas na biblioteca do colégio, onde os alunos se organizaram em mesas maiores, coletivamente. Esta configuração permitiu uma quebra no padrão formal, proporcionando uma empatia maior entre o professor em formação e os estudantes. Durante as mediações, a disponibilização do espaço também facilitou o acesso aos alunos e o auxílio de cada etapa.

Os resultados foram disponibilizados na exposição *Estirpe*, realizada na galeria de arte da UEL, juntamente das demais propostas desenvolvidas ao longo do semestre. A



organização foi feita pelos professores em formação do Colégio Roseli Piotto com os alunos que participaram dos contrturnos.



Alguns resultados da atividade proposta.



Resultados da atividade na galeria da UEL.



Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1984.

HERNÁNDEZ, Fernando. **A pesquisa baseada em artes: propostas para repensar a pesquisa educativa**. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Org.) Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia. Rio Grande do Sul: Editora UFSM, 2013.

RIBEIRO, Iara. **Um estudo sobre o retrato e as questões que envolvem sua imagem**. 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2012.

VELHO, Gilberto. **O Desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.